

# Manobras de Retorno

(CONTOS)

ANOSTRA

DAU BASTOS

# Manobras de Retorno

(CONTOS)



MINOTAURO

## Manobras de retorno

Copyright © 2025 Almedina Brasil/Minotauro.

**Minotauro** é um selo da Editora Almedina Brasil do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 Dau Bastos.

ISBN: 978-65-614-3065-4

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B328m  
1.ed.- Bastos, Dau.  
Manobras de retorno: contos / Dau Bastos. - Rio de Janeiro: Minotauro, 2025.  
128 p. : 15,7 x 23 cm.  
ISBN 978-65-614-3065-4  
1. Contos brasileiros. 2. Literatura contemporânea. 3. Ditadura militar - ficção. I. Título.  
CDD 869.933

**Índice para catálogo sistemático:**  
1. Contos brasileiros contemporâneos - 869.933

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

### Almedina Brasil é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Produtora Editorial:** Luna Bolina

**Revisão Gramatical:** Carlos Bacci

**Diagramação:** Roberto Maia

**Capa:** Diego Santos



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



Editora  
afiliada à:

ASSOCIADO



## Sumário

---

1. Camicase  
7
2. Viva a Abertura!  
39
3. A viagem da boina  
67
4. Vice não voga  
77
5. O toró de Céline  
111

ANOSTRA



## Camicase

O toque inicial foi macio, como se a mão, claramente masculina, tivesse intimidade com minhas costas. Mas a pressão dos dedos longos aumentou até deixar claro que se tratava de captura. Paralelamente, veio a voz a sussurrar que não olhasse para trás e seguisse, sem alarde, misturada à multidão. A quentura da respiração chegava a meus ouvidos, em tal proximidade que podia passar por sensual mas indicava que tentar escapar seria apressar o fim.

Procurei me fixar nas pessoas à frente, de modo a encontrar brechas por onde me deslocar com mais facilidade. No entanto, minha mente se concentrava sobretudo na certeza de que meu acompanhante estava armado. Quando se trata de reforçar o próprio poder, a engenhosidade humana realmente impressiona: um cano de diâmetro mínimo deixa passar uma balinha de nada, porém indefensável e letal — portanto, basta portar o instrumento para neutralizar o adversário.

O mesmo talento parece explicar a facilidade com que desalmados implementam projetos totalitários. Se um efeito dominó dos mais nefastos tinha transformado boa parte da América Latina em ditadura, alguns governos, como o brasileiro, haviam alcançado o nível máximo de autoritarismo, de modo que seus agentes podiam ceifar compatriotas à luz do dia.

A qualquer movimento suspeito meu, tiros seriam disparados. Despertariam gritos, correrias e a certeza de que mesmo quem não resistisse à curiosidade e acompanhasse disfarçadamente o homicida se afastar a passos tranquilos precisava guardar consigo o segredo sob pena de ser igualmente eliminado.

Eu não acreditava na possibilidade de prolongar muito minha arriscada existência, mas achava burro limitá-la por um passo em falso. Só por isso cumpria as ordens de meu decidido acompanhante,

que batizei interiormente de Carníface — nome aparentemente pomposo que, com seu mofo, talvez sublinhasse o anacronismo de agir como reles pau-mandado de déspotas em fase avançada do século XX.

Ao final da fervilhante Rua Buenos Aires, Carníface me empurrou sutilmente na direção de um Opala largado sem pudor sobre parte da calçada da Praça da República, em mostra de que o condutor estava acima da lei. Certa da longa noite que me aguardava, olhei para a dita vida normal como se me despedisse: a barraquinha do Angu do Gomes, onde eu adorava me empanturrar de sarapatel; o jornaleiro, sempre agastado de lhe perguntarem a localização das lojas, a apontar para um ponto vago no labirinto de ruas; a impaciência de alguns diante da morosidade com que as pessoas idosas, distraídas ou simplesmente dedicadas às compras se deslocavam pelas calçadas estreitas... Minha situação tornava o mundo especialmente bonito.

Carníface mandou que eu abrisse a porta traseira do lado do carona e baixou minha cabeça para evitar que eu batesse no teto do carro. Ao me ver sentada, me impediu de olhar em sua direção e, com uma destreza surpreendente, me colocou um capuz que impedia completamente de enxergar e tinha apenas alguns furos minúsculos na altura do nariz. Então atou minhas mãos e amarrou as algemas a uma corrente que atravessava o encontro entre o encosto e o assento, reduzindo a quase nada meus movimentos.

O profissionalismo de suas ações e os instrumentos utilizados até ali comprovavam que se tratava de alguém tarimbado. Eu só não compreendia que tivesse deixado para me algemar sob a proteção do fumê dos vidros. Tal discrição contrastava com comportamento de caçador de “terrorista”, que gostava de fazer esporro já no bote e adorava circular pelas ruas expondo a presa, em misto de sadismo e pedagogia.

Também estranhei que não houvesse ninguém no automóvel, afinal minha fama de destemida impunha cuidados especiais à minha caça. Cheguei a me sentir levemente depreciada. Mas quem sabe logo ouvisse as sirenes que anunciam cortejo de prisioneiro associado à periculosidade? Que nada.



Carníface rodou a chave na ignição, devolveu o veículo à rua de paralelepípedos e seguiu em velocidade civilizada, feito chofer de riqueza que acabou de adquirir produtos exóticos numa das centenas de lojas populares da área. Senti-me em narrativa ficcional, esqueci temporariamente a gravidade e sorri de que SAARA fizesse pensar em deserto, quando era Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega.

O devaneio me levou ao alívio de ver o dilema em que me encontrava havia algumas semanas resolver-se por vontade alheia. A crise no interior de meu grupo vinha sugando de tal forma minha energia que a captura me pareceu uma oportunidade de repousar. Naturalmente, caso as torturas que me reservavam fossem muito pesadas ou prolongadas, aproveitaria o destemor que me caracteriza para cometer suicídio. Mas até que o suplício começasse, descansaria como em merecidas férias.

Acompanhei atentamente cada movimento do Opala e, como conhecia bem a cidade, percebi que pegamos a Avenida Brasil, a partir da qual tomamos a Rodovia Presidente Dutra. O crescente afastamento do velho sobrado onde se localizava nosso aparelho — como se dizia à época — me dava a sensação de estar cada vez mais distante dos problemas lá vividos. Suspeitava que o recreio logo acabaria, mas, ao menos durante a viagem, aproveitaria o conforto do assento para relaxar o máximo possível.

Comecei a lamber o tecido áspero, não para afrontar Carníface, e sim por conta de um impulso incontrolável que, tão incompreensível quanto o arrojo, trazia de berço. Paralelamente, acariciava a corrente de ferro que prendia as algemas à lataria. Ambos os contatos me despertaram um prazer tal que passei a gemer.

— Para com isso! — Talvez por já ter visto de tudo, Carníface não parecia estranhar minhas atitudes. Ainda assim, era esquisito que usasse palavras, e não pancadas, para tentar me conter.

Fiz um grande esforço para me comportar, mas o pendor para tocar certos objetos sempre vencia. Em nova investida contra o incômodo, Carníface ligou o rádio. A reação, muito civilizada para um policial dos trópicos, me fez cogitar de integrar algum grupo

guerrilheiro ainda em fase de arrumação necessitado de alguém livre do principal ponto fraco de quem enfrenta brucutus: o medo.



Depois do que me pareceu meia hora desde o início da viagem, pegamos uma estrada de barro, certamente rumo a algum cafundó da Baixada Fluminense onde pudessem me torturar sem que ninguém ouvisse meus gritos. Sim, porque a prisão ou eliminação de cada um de nós era objetivo perseguido cotidianamente, mas crescia bastante em importância se resultasse na descoberta do paradeiro de companheiros.

Em meu caso, cortariam a cabeça da mais aguerrida das organizações e, mediante tormentos e mutilações em partes precisas de meu corpo, acreditavam poder arrancar uma delação que só líderes poderiam fazer. Possivelmente sabiam que eu havia galgado o posto principal não por arrivismo, e sim pela frieza em situações extremas, como assaltar banco à mão armada e trocar bala com as forças de repressão. Mas perigo e dor não se confundem, daí terem certeza de que, torturada, eu entregaria meio mundo.

Só não entendia que, além de agir sozinho e sem brutalidade, Carníface não demonstrava qualquer entusiasmo. O capuz me impedia de enxergá-lo, mas ainda assim seria natural ouvir algum indício de animação, contentamento e até euforia. No rádio, tocava um tremendo sucesso, porém o sujeito não parecia nem aí. Mesmo eu, que achava a banda alienada, americanizada e idiota, não conseguia resistir a cantarolar uns trechos, agora, claro, por puro deboche.

O cara permaneceu impassível. Mas como, se os armados do Estado nos encaravam como seres desprezíveis, merecedores de todo tipo de zombaria e porrada? Nós, sim, considerávamos a causa tão nobre e imensa que, ao menos em princípio, não nos permitíamos manifestar protagonismo nem perversidade. Se acontecia de subjugarmos um inimigo, evitávamos tripudiar, pois o víamos como mais uma vítima do sistema. O que explicaria que Carníface agisse como guerrilheiro?



A cela lembrava um conjugado minúsculo, pois era equipada com cama de alvenaria, banheiro, bancada, fogão, botijão a gás e armário. Inteiramente emboçada e até caiada, tinha o barulho reduzido pela laje do teto. O ar entrava apenas por uma janelinha engradada situada a uma altura inalcançável, cuja portinhola metálica podia ser fechada por fora, possivelmente com ajuda de escada. De ferro era igualmente a única porta do cômodo.

O investimento feito no aposento colocava por terra minha ideia de Carníface ser da guerrilha, cujas ações eram marcadas pela precariedade e o improvisado. Mas a polícia tampouco se preocupava com a qualidade das acomodações dos prisioneiros políticos, geralmente trancafiados em ambientes podres, dos quais se exigia apenas que abafassem os gritos de dor. Ao que tudo indicava, eu me encontrava em lugar usado por quadrilha de sequestradores profissionais e, como tal, interessados em manter a integridade física dos encarcerados até o recebimento do resgate.

Não conseguia entender o que fazia ali. Como vasculhava nossas vidas, o DOI-CODI sabia que minha família morava no modesto bairro do Andaraí, onde ainda por cima era obrigada a pagar aluguel e, de carro, tinha apenas o rodado táxi com que papai conseguia o sustento. Não fazia sentido alguns canas aproveitarem minha condição de inimiga do regime para tentar arrancar dinheiro.

Encucada, concentrei a atenção nos sons que vinham de fora do quarto. Ao longe, ouvia-se canto de pássaro, balanço de árvore e mais nada. Nas proximidades, porém, o rumor dos passos de Carníface me fez perceber que estávamos numa construção com mais cômodos.

Tive a confirmação no momento em que ele abriu a porta. Usava uma máscara que deixava ver apenas os olhos, de modo que eu não o identificasse. Colocou no chão um saco plástico com roupas de cama, toalha e produtos de higiene. Em outro, havia pó de café, pão e manteiga, mas também feijão, arroz, charque e ovos.

— Me conta só uma coisa: sou hóspede, sequestrada ou prisioneira? — perguntei em tom incerto, pois não sabia se convinha ser irônica ou não.

— Um pouco de tudo. — Me confundiu ainda mais, em demonstração de que não adiantava abordar o assunto.

— Só tem um problema... — Agora meu olhar era de desafio ao gênero masculino. — Não é por ser mulher que sei necessariamente cozinhar.

— Em situações extremas, morrer de inanição pode ser uma. — Devolveu, claramente irônico, já fechando a porta.



Durante o demorado banho, pensei que o calor resultante da pouca circulação de ar me faria passar boa parte do tempo embaixo do chuveiro. Nascida em poço ou rio das proximidades e trazida até ali apenas pela gravidade, a água não tinha cloro algum, portanto mantinha seu balsâmico cheiro original. Mais o líquido fundamental se derramava, mais eu fruía seu contato com cada centímetro de meu corpo.

Enquanto me enxugava, notei que a casa estava inteiramente em silêncio, sinal de que o barulho de motor ouvido alguns minutos antes era do Opala de meu senhorio, certamente de retorno ao Rio. Estranhamente, senti uma liberdade que há muito não experimentava. Totalmente sozinha, resolvi permanecer nua e, assim, reduzir o efeito do mormaço.

A fome indicava que já era hora do almoço e imaginei o prazer de devorar um bom prato de comida. Mas como, se realmente não sabia sequer fritar ovo? Resignei-me a fazer café, que ingeri com pão e manteiga. Ainda mastigando, concluí que não me satisfaria com esse tipo de alimentação. Dessa vez não escaparia à necessidade de cozinhar.



Selecionados em diferentes organizações pela coragem, compúnhamos uma célula mínima, mas talhada para ações temerárias. Os coletivos de onde provínhamos se portavam como sócios de um investimento e se alternavam nos pedidos para realizarmos assaltos pelos quais nos remuneravam com dez por cento dos ganhos.

A singularidade de nosso perfil nos fazia famosos no mundo da guerrilha e da repressão. O fato de sermos liderados por uma mulher parecia nos agregar ainda mais belicosidade. Esse aparente

paradoxo era desfeito pelo meu codinome, Camicase, a indicar que o desregramento generalizado reduzia meu prazo de validade, ao mesmo tempo que aumentava minha disposição para peitar o que surgisse em sentido contrário.

Contraditório de verdade era sermos célebres sem termos matado ninguém. Antes de nos juntarmos, alguns integrantes certamente haviam eliminado inimigos. Mas nosso pacto incluía silêncio sobre esse passado, cujos incidentes constavam apenas das folhas corridas individuais. Como pequena tropa de choque recém-criada, podíamos ser acusados de terrorismo, roubo etc., mas não de derramamento de sangue.

Eu ia invariavelmente à frente, arrostando o que aparecesse, muitas vezes abrindo caminho na bala. Os demais vinham atrás e, se não eram tão gélidos quanto eu, se irmanavam por biografias em que o valor da vida se reduzira a quase nada. Essa combinação era conhecida dos adversários, que nos guerreavam, é verdade, mas encontravam meios de evitar muita exposição.

O fato de nossas investidas não resultarem em ferido ou presunto incomodava ainda mais a polícia, que não conhecia fenômeno semelhante. Quanto à imprensa, via a falta de óbito como possível sinal de a repressão ser cúmplice de nossos assaltos a agências bancárias, escritórios suntuosos, mansões faustosas e condomínios finos. Tudo isso fazia com que, surgido havia apenas alguns meses, nosso bando já fosse, de longe, o mais procurado.

Ah, quantas vezes brindamos à fama precoce! Nem sequer imaginávamos que o suposto receio de nos enfrentar dissimulava a decisão de nos capturar com vida, afinal sabíamos sobre nós e acerca dos núcleos dos quais procedíamos. Qualquer pessoa livre da febre que nos levara à guerrilha devia perceber que, por mais que falsificássemos documentos pessoais para apresentar em blitzes e também em situações corriqueiras — como locar o imóvel decadente em que nos escondíamos —, deixávamos rastros e vestígios por toda parte.

A cada ação nossa, a polícia colhia dados que, conectados ao que já sabia, possibilitaram a localização de nosso esconderijo. A partir de então, os espões incorporaram diferentes personagens,

como o boêmio fuleiro que passou a fazer plantão no pé-sujo onde costumávamos pegar cerveja e a senhora de aparência suburbana a alardear produtos paraguaios na outra extremidade do quarteirão.

Necessitados de banho de sol, nos alternávamos nas idas à rua para fazer compras, pagar contas e tomar outras providências cotidianas. Ou seja, desfilávamos inocentemente sob os olhos compenetrados dos caçadores, que em certo momento devem ter espalhado máquinas fotográficas e miras de fuzil nas construções vizinhas.

Ao menos era assim que, deitada na cama da cela da casa situada no ermo, eu fantasiava os preparativos da polícia para nos pegar. Só não entendia que, em vez de dupla, trio ou mesmo quarteto, tivesse aparecido apenas um agente para me prender. Mais dissecava os detalhes de minha captura, menos entendia o que se passava.



Mas, enfim, como estariam os outros? Igor, que vinha logo abaixo de mim na hierarquia, também teria sido preso? Filho de pai bolha e mãe descompensada, carecia de um dos elementos que parecem constituir esse núcleo inacessível, mas intuído, a que talvez possamos chamar de humanidade. Muitas de suas atitudes e opiniões davam a impressão de lhe faltar um componente fisiológico, não psicológico, sem o qual não conseguia experimentar empatia por ninguém.

Gastava palavras de ordem em favor dos oprimidos, falava com frequência da importância de se partilhar o patrimônio em todas as latitudes e aproveitava as mais diferentes ocasiões para desejar o bem do conjunto de habitantes do planeta. Mas os vocábulos não se encontravam com os sentimentos. Manifestava altruísmo como se ostentasse senha, talvez ciente de que demonstrar generosidade era condição de pertencimento ao meio, de esquerda, em que nascera, crescera e vivia.

No entanto, virava monstro durante os enfrentamentos ou simplesmente ao ser contrariado. Em ações, sua selvageria talvez encontrasse alguma justificativa na produção de adrenalina. Mas o que dizer da vez em que precisei me colocar à sua frente e propor que atirasse em mim, em vez de disparar contra seu companheiro de quarto apenas porque o coitado roncava além da conta?

Passado o surto, puxei-o para a cozinha, onde nos sentamos em companhia de Totó, que me chamava de namorada. Mesmo evitando reprimenda, sugeri ao destemperado que, em nome da liga do grupo, pedisse desculpas ao ameaçado. Não somente não me atendeu como abriu um sorriso sarcástico e disse que era melhor eu deixá-lo sozinho no quarto, pois se o ronco de qualquer pessoa que dormisse a seu lado o acordasse durante certos pesadelos... Então passou a uma verdadeira gargalhada, ainda por cima estri-dente, ao final da qual mudou abruptamente de assunto, enfileirando amenidades como se nada houvesse acontecido, em prova de completa falta de equilíbrio e pesar.

Como não sei o que é medo, poderia tranquilamente apontar minha pistola, desarmá-lo e exigir que se retratasse. Porém, esqui-sita de nascença, não me sentia autorizada a julgar nem mesmo Totó, que se dizia apaixonado por mim, mas era autocentrado a ponto de me amar como se me usufruísse.

Ao me ver colocando o peito contra o revólver de Igor, por exemplo, tentou me puxar e, ao perceber que não conseguiria, tr-atou de se esconder. Depois, quando conversávamos com o irrita-diço, usou outros termos para reproduzir quase tudo o que falei, em aquiescência planejada, pois teve o cuidado de adicionar dados com os quais tentava magnificar sua recente atuação.

No início de nossa relação, achei incrível vê-lo narrar episódios em que outros assumiam o primeiro plano. Aos poucos, porém, percebi que se tratava de ardil para se imiscuir simpaticamente nos relatos, nos quais começava como desajeitado ou vacilão e, ao fi-nal, se impunha como merecedor do aplauso que reservamos a personagens principais.

Contudo, só acordei de verdade para sua desonestidade no dia em que chegamos ao sobrado. Totó percorreu os dois andares com sofreguidão e, em meio à poeira e à decadência, soube direitinho en-contrar o quarto mais espaçoso, com janela maior e colchão suportá-vel. Ao me anunciar a descoberta, não parecia nada incomodado em passar a perna nos demais e teve a desfaçatez de parecer que presen-teava a “chefe”, cuja autoridade precisava se impor por diferentes meios, a começar pela ocupação do melhor aposento; afinal, era lá que certamente ocorreriam as reuniões do núcleo duro.



A cada nova prova de mesquinhez ou malandragem, eu me perguntava como ele podia se considerar comunista. Sim, porque o ideal de igualdade era vivido tão intensamente que nos fazia trocar a mansidão da normalidade pelo inferno da luta armada. Travávamos uma guerra encarniçada com o regime por querermos democracia, está certo, mas sobretudo por sonharmos com um país justo, em que todos desfrutassem das mesmas condições.

Totó atingiu o máximo de cinismo e pilantragem ao aproveitar a bebedeira a que nos entregamos após uma ação que tinha rendido o suficiente para várias semanas de sobrevivência: ao ver todo mundo desfalecido de cansaço e álcool, simplesmente surrupiou parte do dinheiro. Coroou a traição ao colocar algumas cédulas sob o travesseiro de uma sergipana chamada Raquel, recém-integrada ao grupo.

Durante o interrogatório a que a submetemos, foi o mais gentil e delicado. No momento em que reuni todo mundo para selar o destino da suposta ladra, mostrou-se misericordioso. Chegou a aconselhar que levássemos em conta a fome do Nordeste, onde possivelmente a gatuna tinha família indigente, a depender do envio de dinheiro com que se alimentar.

Igor encabeçou a ala disposta a despachá-la para o além, sob o argumento de que deslealdade e perfídia são simplesmente intoleráveis na clandestinidade. Ou a deixaríamos partir ilesa, mas carregada de rancor e má intenção, disposta a nos delatar na primeira delegacia? Precisei me desdobrar para convencer a maioria a votar em seu confinamento até termos certeza de que era politicamente legítimo tirar a vida de quem havia decidido formar fileira conosco.

Uma das promessas feitas ao grupo foi de arrancar a verdade, a partir da qual tomaríamos a decisão final. Então comecei a puxar conversa com a suspeita, em cujo quarto de prisioneira, situado na parte mais úmida do térreo, passei a entrar com regularidade. Como resposta a cada pergunta que eu lhe fazia, Raquel deixava evidente que se sentia ultrajada pelo que lhe impúnhamos. Seu sotaque aberto parecia prova de integridade. As vogais, em especial, chegavam à minha consciência como se fossem estiletes bem pronunciados.